



O estranho silêncio dos “vencedores”

por Jorge Nóvoa

Somente os Bonapartes que nos dirigem pensam que as pessoas não pensam. Eles pensam que controlam tudo. Toda a retórica do Teori Zavascki de **não entrar no mérito da questão**, a saber **se a Dilma cometeu ou não** crime de responsabilidade, já indica um posicionamento político claro. Se Renan, mais ou menos como Temer (o Temer cometeu 8 vezes mais crimes de responsabilidades, segundo o senador Randolfe Rodrigues), tem processos na justiça, qual a autoridade que ele teria para presidir a Assembleia do impeachment? De forma ainda mais grave podemos pensar sobre o dia 17 e Cunha. Aliás, por que esse Ministro (que foi empossado com tanta pompa) só veio se pronunciar agora, às vésperas do julgamento de Dilma pelo Senado se ele tinha já todos os elementos em novembro do ano passado? Sem falar na postura escancarada do Gilmar Mendes que acaba de interromper as investigações sobre Aécio Neves!

Subestimar a inteligência das pessoas e não se incomodar se as “humilham” gratuitamente pode ter consequências inesperadas. Dizem que boa parte dos advogados, como os médicos (e quem disse isso foi um médico e professor universitário que mudou sua posição em relação ao impeachment) se vêem como deuses. Certa vez ouvi isso de um advogado que foi retrucado por um contador que lhe disse, “data vênia, os advogados pensam que são deuses, mas os juízes têm certeza”. Esta questão de entrar ou não no mérito, neste caso específico foi uma forma de ele jogar a responsabilidade para o Senado e do mesmo golpe fechar a possibilidade de retorno de Dilma após sua defesa durante os 180 dias uma vez que o STF já pronunciou seu posicionamento! Isto exige uma reflexão epistemológica, a saber se **existe ou não uma neutralidade técnica no exercício de uma disciplina normativa** (portanto, carregada de preconceitos e ideologia) **como o direito**. Ora se nas ciências naturais não existe, quanto mais naquela que não é uma ciência, mas a **expressão mesma das relações de força entre as classes sociais numa determinada sociedade** em determinado período.

As críticas ao Governo Dilma podem ser muitas, mas está claro que tudo isso foi uma armação, com base em diversos argumentos e o mais aparentemente “sensato” é aquele da responsabilidade pela crise econômica. Este argumento busca legitimidade na ideia de que a economia poderia estar substantivamente melhor do que está agora. Todavia inclusive **vozes do próprio PMDB** - como no caso do Roberto Requião, dizem que isto não é verdade, sendo um enorme equívoco. Requião desmontou o circo, pelo menos no que concerne a este argumento



pragmático que diz que o impeachment pretende salvar a economia brasileira quando a europeia, a americana, a chinesa e a russa, além da canadense, a japonesa e a indiana, também estão em crise profunda. Vejam a situação da França! Qualquer um de nós concordaria que - como o que Requião disse: o Governo Lula deu continuidade neste campo ao de FHC e Dilma ao de Lula. Disse ele que, a escolha de Meirelles para a pasta da Economia irá dar continuidade aos juros altos e às benesses à oligarquia financeira em potência elevada. Ele lembrou que a dívida pública da Grécia em 2010 era de 104% do PIB. A Grécia foi obrigada a aplicar a política de austeridade do Euro Banco e hoje ela é de 180% do mesmo PIB. Requião disse ainda que é a mesma política que está levando a Europa inteira a aprofundar a crise e que é uma ingenuidade de seus correligionários (ele queria dizer oportunismo ou arrogância) acreditarem que a política desse governo Temer mudará o quadro do Brasil. Nesse aspecto, comparou muitos de seus colegas de Senado a jogadores principiantes de xadrez, que são incapazes de vislumbrar 3 ou 4 ações seguintes.

Collor, por sua vez, mesmo procurando reconstruir sua imagem de neoliberal e de iniciador dessa política no Brasil, disse que **o sistema político brasileiro está em ruínas**. Ele votou no SIM, mas seu discurso pretendeu mais que castigar a Dilma. Sua grande preocupação é com a crise política que se arrasta desde a fundação da República e seu presidencialismo. Ele quer proteger os próximos governos com a instauração de um parlamentarismo. Considera que o maior crime de responsabilidade é com a política e que a figura jurídica do “crime de responsabilidade” que leva ao impeachment é um fator de instabilidade permanente. Não deixa de ter razão neste ponto, a se considerar que se trata de uma prática tão velha quanto a República, para ficarmos apenas no Brasil dos últimos 116 anos. Uma Senadora do PT perguntou quantas vezes FHC não foi discutir com Fundo Monetário Internacional para ré escalonar a dívida brasileira.

Outros integrantes das elites dominantes brasileiras também merecem atenção. É possível ver, como Joaquim Barbosa hoje (e o **DATAFOLHA** de 6 de abril atestou que **mais de 14 milhões de brasileiros mudaram de posição se colocando contra o impeachment**) que disse que o povo não foi ouvido. No impeachment de Collor a população se pronunciou com boletins de votos. Acho que o discurso mais corajoso cientificamente - e, talvez, mais correto politicamente, foi o de Randolfe Rodrigues que diz que a crise não será sanada com a suspensão do mandato de Dilma e que este impeachment tem a função de reproduzir as velhas alianças carcomidas de séculos e reproduzidas pelos grandes partidos da elite dominante. Para ele o Governo Temer será **um governo sem legitimidade**



alguma e que ele tem muito mais motivo para ser destituído. Joaquim Barbosa disse que é uma vergonha um partido como o PMDB, que em quase 30 anos de democracia nunca conseguiu eleger um Presidente da República e do mesmo jeito o PSDB em 20 anos. Tanto quanto Randolfe (que disse que não seria porque os partidos de esquerda queriam, mas pela falta de legitimidade e pelos ataques austeros que são anunciados como remédios contritos) a crise política se aprofundaria e que ele (Barbosa) não vê como serenar a crise com Temer.

No dia em que Dilma saía em pleno Jornal da Manhã se instaurou um debate entre o Alexandre Garcia, a Giuliana Morroni e a Mirian Leitão. As mulheres perguntaram ao Garcia por que o Temer só escolheu homens. Enfim, quem viver verá, mas uma coisa é certa, não vimos festejos, nem manifestações de regozijos dos que ainda apoiam a condução do Temer e daqueles que fizeram manifestações pelo impeachment. É um estranho silêncio que, entretanto, não autoriza a ilusão de achar que “tanto pior melhor”. Uma parte deles, pelo menos, parece constatar que não é o que queriam. Não deveriam estar exultantes e cheios de júbilos? O que têm praticado é um silêncio de cemitério. As manifestações contra o Governo de Temer já começaram e uma das palavras que entoam é que “não haverá arrego”. Foram mulheres que gritaram essas palavras de ordem e no dicionário o significado que aparece é “Estado de quem quer desistir, ou não aguenta mais...*Está bem, peço arrego, Você venceu!*”